

POETTERING, Jorun

*Migrating merchants. Trade, nation, and religion in seventeenth-century Hamburg and Portugal*

Berlin: de Gruyter Oldenbourg, 2019. 389 p. ISBN: 978-3-11-046993-6

AMÉLIA POLÓNIA

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.17717>

Universidade do Porto, Faculdade das Letras, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-7798-6088>

Durante o século XVI, cristãos-novos e judeus foram repetidamente expulsos de Portugal, ou autoexilaram-se, por pressão da perseguição que lhes era movida pelo Tribunal da Inquisição, e tiveram de estabelecer uma nova vida no estrangeiro. Muitos deles eram comerciantes e pareceu-lhes razoável deslocarem-se para os locais que lhes eram familiares e com os quais já tinham efetuado trocas comerciais. A partir da década de 1580, um número substancial estabeleceu-se no importante centro comercial de Hamburgo, criando uma comunidade específica e identificável, especialmente porque muitos cristãos-novos voltaram à fé dos seus antepassados e foram considerados pelas autoridades de Hamburgo como judeus. Sendo isto conhecido desde há décadas, o que distingue o livro de Jorun Poettering dos estudos até agora realizados sobre esta comunidade e respetivas dinâmicas económicas e sociais?

O florescimento do comércio entre Hamburgo e Portugal era apenas parte de um complexo quadro de relações internacionais. Um elemento importante desse quadro foi consubstanciado pela secessão das Províncias Unidas (holandesas) do domínio dos Habsburgos, numa altura em que Portugal estava unido dinasticamente com Espanha (dois reinos sob uma mesma coroa). Procurando fragilizar a posição dos oponentes, as autoridades espanholas tentaram impedir qualquer comércio com os holandeses, mas Portugal estava dependente da importação de cereais do norte da Europa, tanto quanto esta região ansiava pelas mercadorias portuguesas e, acima de tudo, ultramarinas. O porto de Hamburgo tornou-se então o intermediário que facilitava trocas comerciais que, de outro modo, seriam consideradas ilegais e por isso proibidas. A situação sofreu alguns reveses quando os holandeses começaram a apoderar-se das possessões portuguesas na Ásia, em África, e até (ainda que temporariamente) no Brasil. Poettering tem uma forma cativante de explicar estas conjunturas no quadro das relações internacionais da época, sem, todavia, simplificar demasiado a sua complexidade.

Hamburgo era uma cidade-estado, uma república, governada por uma oligarquia constituída por famílias ligadas ao grande trato comercial, enquanto Portugal era uma monarquia, sede de um império comercial governado a partir de um “centro”: a metrópole e mais especificamente Lisboa, a “capital do Império”. Assim o vê a autora. Importa notar que este livro se baseia na dissertação de doutoramento de Jorun Poettering, finalizada em 2012, período em que não eram ainda comuns, na historiografia portuguesa, investigações mais recentes que realçam o papel dos “comuns” e das redes informais na economia portuguesa e que valorizam, para além de Lisboa, outros portos de mar como espaços centrípetos de uma economia que extrapola Lisboa e o centralismo da coroa portuguesa. Isto em nada desmerece ou questiona o foco deste livro, que se centra, no estudo do segundo elemento do binómio anunciado em título (Portugal), particularmente em Lisboa, e nas políticas régias.

---

Poettering dedica a primeira parte do seu livro a uma análise profunda das condições políticas e económicas subjacentes aos desempenhos dos seus protagonistas. Os comerciantes portugueses em Hamburgo estavam organizados em “nações”, em função da sua proveniência, ou naturalidade, reconhecidas enquanto tal pelas autoridades hamburguesas. Em Portugal, no entanto, os mercadores “alemães” (i.e. da Liga Hanseática) eram aqueles que tinham recebido individualmente um privilégio do rei – mesmo que alguns deles fossem portugueses. Em Hamburgo, muitos dos portugueses que chegaram como “cristãos-novos”, ou seja, judeus convertidos, depressa regressaram à fé dos seus antepassados e abraçaram o credo judaico. Que outra coisa se esperaria de uma comunidade portuguesa bem organizada, escapando a um ambiente hostil em Portugal, devido à sua filiação religiosa? Esta era uma realidade favorável para todas as partes. Para as autoridades de Hamburgo, era mais cómodo lidar com uma comunidade judaico-portuguesa organizada, que não tinha qualquer apoio do exterior, nomeadamente da Coroa portuguesa, enquanto os monarcas portugueses preferiam comerciantes estrangeiros que dependiam, para o seu estatuto social, de privilégios, revogáveis, concedidos pela Coroa.

Do ponto de vista metodológico, Poettering assume como desafio o facto de os historiadores alemães tradicionalmente subestimarem o uso de métodos quantitativos nos seus trabalhos. Poettering propõe-se retificar essa tendência. A autora não se inibe de confrontar alguns dos grandes nomes da história alemã, como o professor de história moderna de Erlangen, Hermann Kellenbenz, que é objeto de um tratamento particularmente crítico, evidenciando a autora como Kellenbenz utilizou apenas uma fração das fontes disponíveis. Tentando suplantar esta lacuna, Poettering consultou um impressionante conjunto de documentação de arquivo, desde os mais óbvios (Arquivo do Estado de Hamburgo, Arquivo Nacional da Torre de Tombo, em Lisboa) até aos menos óbvios, como os arquivos da comunidade judaica e da comunidade reformada alemã, passando pelo arquivo hanseático de Lübeck e o arquivo da cidade de Amesterdão.

A autora não descarta também uma vasta quantidade de fontes impressas, em português, alemão, neerlandês, nem os contributos de uma vasta bibliografia internacional, em que predominam autores alemães, mas onde não deixam de estar presentes autores chave da temática que se propõe abordar na sua obra: “Migrating Merchants”, a par dos que se debruçam sobre a articulação entre religião e comércio, articuladas com as complexas questões levantadas pelas “diásporas”, nomeadamente de natureza confessional. As obras de contextualização dos dois universos em estudo são abundantes, ainda que fosse desejável um esforço de atualização dos contributos historiográficos em geral, e da historiografia portuguesa em particular, no sentido de incluir literatura produzida entre a data de defesa e publicação da sua tese de doutoramento (2012-2013) e a sua tradução para inglês, em 2019.

Com base na globalidade desse material, em particular de arquivo, Poettering mostra, por exemplo, que os mercadores judeus portugueses não comercializavam mercadorias substancialmente diferentes das de outros grupos mercantis, nem evidenciaram proezas que os seus concorrentes não pudessem ostentar. Quanto aos seus contactos com Portugal, estes terão declinado muito rapidamente: a Inquisição não lhes permitia voltar a entrar no reino, e qualquer dos seus familiares ou parceiros comerciais que comprovadamente mantivesse contacto com os membros dessa comunidade seria suspeito de ser um judeu encoberto, um

cripto-judeu e, portanto, seria também alvo da Inquisição. Além disso, os cônsules portugueses em Hamburgo viam muitas vezes como seu dever denunciar os seus compatriotas que se tinham convertido ao judaísmo, lançando assim suspeitas sobre os seus contactos familiares ou comerciais em Portugal.

Isso não impediu os comerciantes portugueses em Hamburgo de serem bem-sucedidos comercialmente, e Poettering também explica porquê: mais do que a filiação religiosa, é a “confiança” que garante o sucesso comercial. A autora dedica bastante espaço à análise do significado da “confiança” no mundo dos negócios da Época Moderna: numa altura em que a justiça transnacional é praticamente inexistente, esta transforma-se num valor acrescentado, baseado na experiência e numa garantia de que o parceiro honrará as suas obrigações. O incumprimento, se devido a circunstâncias de infortúnio, pode ser perdoado – mesmo a falência, se não for fraudulenta, não desqualifica necessariamente um comerciante para futuros negócios. No entanto, quaisquer tentativas desonrosas de trapaça comercial resultarão numa exclusão, não oficial, mas altamente eficaz, desses indivíduos, das redes comerciais em ação. A autora cita repetidamente as cartas que Johann Schulte, presidente da Câmara de Hamburgo, envia ao seu filho, a estagiar em Lisboa, e o tema mais frequentemente abordado é precisamente o do tratamento honrado dos parceiros comerciais, de modo a manter a confiança como base de qualquer negócio.

O que é importante neste contexto é a informação, e esse é outro assunto a que Poettering dedica um capítulo. Os primeiros jornais começam a ser impressos neste período de tempo, informando os seus leitores sobre os assuntos de Estado. Mas é preciso quase um século para que incluam também notícias económicas e para que se tornem relevantes para os comerciantes. Até lá, a rede que cada um deles mantém com parceiros de toda a Europa serve para se informarem mutuamente sobre os preços, a oferta e a procura, as contingências políticas e, certamente, sobre quem se comportou de forma a deixar de merecer confiança.

Após a introdução, os quinze capítulos de Poettering estão organizados em três grandes partes, com cinco capítulos cada. A primeira aborda, como vimos, o contexto político e jurídico de Hamburgo e de Portugal, salientando as principais diferenças entre as situações encontradas pelos mercadores estrangeiros em ambas as regiões. Poettering toma sempre como terceiro exemplo o das Províncias Unidas holandesas, tanto pelo facto de estas comerciarem tanto com Hamburgo como com Portugal, como por oferecerem um terceiro elemento de comparação.

A segunda parte, intitulada “Migração, vida e comércio” é a parte mais especificamente económica do livro de Poettering. Aprendemos muito sobre quem emigrava para o estrangeiro e com que esperanças, e como isso podia resultar em catástrofes financeiras e, conseqüentemente, sociais, ou, ao invés, numa ascensão a estratos mais elevados da sociedade. Alguns mercadores “alemães” eram de facto enobrecidos pelos monarcas portugueses se contribuísem substancialmente para a riqueza da Coroa. Recorrendo ao vasto material acima mencionado, Poettering utiliza quadros e diagramas que indicam quais as mercadorias efetivamente transacionadas e por quem, e como isso mudou ao longo do tempo. Mais uma vez, não há qualquer indicação de que os mercadores portugueses em Hamburgo negociassem com mercadorias específicas, que os individualizassem dos restantes. Pelo contrário, o que era comprado na Península Ibérica dependia, em grande medida,

---

das circunstâncias políticas do momento. Enquanto Portugal estava em situação de união política com Espanha, e isso ocorreu entre 1580 e 1640, os embargos contra as Províncias Unidas, devido à guerra com Espanha, eram normalmente contornados através de Hamburgo – embora a cidade, em sentido estrito, estivesse sujeita ao Sacro Imperador Romano-Germânico e, portanto, também aos Habsburgos. Poettering optou por uma abordagem sistemática, provavelmente a única forma sensata de abordar o tema, mas esta também tem os seus limites, já que os desenvolvimentos políticos, circunstanciais, afetam sempre os padrões económicos e comerciais.

O terceiro capítulo (“Solidariedade e identidade”) aborda os aspetos sociais do vasto objeto de estudo de Poettering. É aqui que a autora entra em pormenores sobre a sociabilidade religiosa, os laços familiares e as estruturas de redes, informais e oficiais. Curiosamente, não eram apenas os cristãos-novos portugueses que se convertiam à fé católica – alguns comerciantes protestantes de Hamburgo, quando em Portugal, também se convertiam ao catolicismo, se permanecessem no país por tempo suficiente e, sobretudo, se decidissem casar com uma mulher local. Foi o que aconteceu com o presidente da Câmara de Hamburgo, Johann Schulte, cujo filho tinha ido para Lisboa e a quem exortou a manter-se fiel à religião praticada na sua família. Johann Schulte Júnior acabou por se tornar católico, mas, ao regressar a Hamburgo, voltou a frequentar os serviços protestantes. Estes convertidos podiam mesmo ser convidados a entrar numa confraria religiosa ou acabar como *familiares* do Santo Ofício, em Portugal.

No seu conjunto, este é um livro que combina aspetos políticos, económicos e sociais de forma magistral. Embora o tema dos mercadores portugueses em Hamburgo e dos mercadores hamburgueses em Lisboa possa parecer específico e delimitado, na realidade reflete uma série de aspetos do mundo dos negócios do início da Idade Moderna, bem como as suas articulações confessionais. A obra foi distinguida com um prestigiado prémio que permitiu a sua tradução para inglês, e um elogio especial deve ser feito ao tradutor, Kenneth Kronenberg, por ter produzido uma versão que é, de facto, motivante e apelativa para o leitor.